

CONSELHOS

PUBLICAÇÃO DA FEDERAÇÃO
DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS
E TURISMO DO ESTADO DE
SÃO PAULO | 25 | JUN/JUL 2014

CAPTURE DE OPORTUNIDADES

O presidente da **Cielo**, Rômulo de Mello Dias, fala sobre a importância de transformar informação em serviço e sobre a necessidade de vencer a resistência que ainda existe aos cartões de crédito e débito

Análises:

Adriano Pitoli, Antonio Lanzana, Bolivar Lamounier, Diego Pistone, Gesner Oliveira, Jessé Souza, João Carlos Mello, José Goldemberg, Renato Opice Blum, Yael Hochberg

R\$ 18,90



9 772178 158005

DESTAQUES

Aspas desta edição



O GOVERNO COMEMORA O FATO DE SERMOS UM PAÍS DE CLASSE MÉDIA, MAS ESQUECE DO PROBLEMA DA SUSTENTABILIDADE. TIVEMOS UM PROCESSO MACIÇO DE MOBILIDADE SOCIAL PARA CIMA, MAS O RESULTADO É SUSTENTÁVEL?

BOLÍVAR LAMOUNIER,
CIENTISTA POLÍTICO [pg. 54]

PARA VENCER O ENORME *DEFICIT* BRASILEIRO EM INFRAESTRUTURA, É FUNDAMENTAL GARANTIR O TRIPÉ DE BOAS PRÁTICAS, FORMADO POR GESTÃO, REGULAÇÃO E PLANEJAMENTO

GESNER OLIVEIRA,
ECONOMISTA, CONSULTOR E PROFESSOR DA FGV [pg. 42]

EXISTEM SEGMENTOS INEXPLORADOS PELA INDÚSTRIA DE CARTÕES, COMO EDUCAÇÃO E SAÚDE. É PRECISO VENCER A RESISTÊNCIA, MOSTRANDO A ELES O QUANTO ISSO PODE REDUZIR A INADIMPLÊNCIA

RÔMULO DE MELLO DIAS,
PRESIDENTE DA CIELO [pg. 14]

EXPEDIENTE

FECOMERCIO-SP
PRESIDENTE Abram Szajman
DIRETOR EXECUTIVO Antonio Carlos Borges
CONSELHO EDITORIAL Ives Gandra Martins, José Goldemberg, Renato Opice Blum, José Pastore, Adolfo Melito, Marcelo Calado, Paulo Roberto Feldmann, Pedro Guasti, Antonio Carlos Borges, Luciana Fischer, Luís Antônio Flora, Romeu Bueno de Camargo, Fabio Pina e Guilherme Dietze

TUTU DIRETOR DE CONTEÚDO André Rocha EDITORA Marineide Marques REPÓRTERES André Zara, Enzo Bertolini e Filipe Lopes REVISÃO Flávia Marques e Virgínia de Baumont Romano FOTOS Emiliano Hagge

JORNALISTA RESPONSÁVEL André Rocha MTB 45 653/SP

COLABORAM NESTA EDIÇÃO Adriana Carvalho, Antonio Lanzana, Carlos Gouvêia, Ives Gandra Martins, Renato Opice Blum, Roberta Prescott e Rony Vainzof

EDITORES DE ARTE Clara Voegeli e Demian Russo CHEFE DE ARTE Carolina Lusser DESIGNERS Renata Lauletta e Laís Brevilheri ASSISTENTES DE ARTE Paula Seco e Carolina Coura

IMPRESSÃO Gráfica IBEP

FALE COM A GENTE conselhos@fecomercio.com.br

EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS (11) 3170-1597 | 96861-9767
Natalie Kardos: natalie.kardos@tutu.ee
Fernanda Ferraz: fernanda.ferraz@tutu.ee

REDAÇÃO Rua Itapeva, 26, 11º andar.Bela Vista – CEP 01332-000
São Paulo/SP | tel.: (11) 3170-1571

Senac Sesc FECOMERCIO SP

Aqui tem a presença do comércio

SUMÁRIO

RÔMULO DE MELLO DIAS

Entrevista com o presidente da Cielo

08

RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

Municípios não estão prontos para a lei que determina o fim dos lixões

18

O CONSTITUCIONALISMO MODERNO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ECONOMIA

Ives Gandra Martins

26

NAS MÃOS DE SÃO PEDRO

Falta de chuvas e crise financeira acentuam problemas do setor elétrico

28

CINCO PERGUNTAS

para Gesner Oliveira

40

PERCEPÇÃO E REALIDADE

Colocação do Brasil no ranking do Doing Business não reflete situação real do País

44

O PAÍS DA CLASSE MÉDIA

Incremento de renda não diminui desigualdades sociais

52

DIEGO PISTONE

Entrevista com diretor-geral para a área de biscoitos e cereais da PepsiCo Brasil

64

POR QUE O BRASIL CRESCE TÃO POUCO?

Antonio Lanzana

72

O BLOCO DO PACÍFICO

Aliança formada por México, Colômbia, Chile e Peru avança no livre-comércio

78

MARCO CIVIL DA INTERNET

Renato Opice Blum e Rony Vainzof

86

MODELO EM CONSTRUÇÃO

Governo ajusta programa Start-Up Brasil para vencer entraves

90



Rômulo de Mello
Dias, da Cielo, na
página 8

MODELO EM CONSTRUÇÃO

Após primeira fase, programa Start-Up Brasil promove ajustes para aprimorar processos e vencer entraves. Objetivos principais são reduzir a taxa de desistência, que na primeira turma foi o dobro da prevista, e reduzir a burocracia, para que os trâmites atendam ao senso de urgência característico das startups.

TEXTO **ANDRÉ ZARA**



Passado pouco mais de um ano do lançamento do programa brasileiro de fomento às startups (empresas iniciantes de base tecnológica), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) promove ajustes para eliminar gargalos e diminuir a taxa de desistência, aspectos que marcam o balanço da primeira turma de empreendedores participantes do Start-Up Brasil.

O governo trabalhava com a expectativa de que, no máximo, 10% das empresas desistissem ao longo do processo, por motivos variados. A taxa alcançou exatamente o dobro e acendeu a luz amarela, indicando que alguma coisa estava errada. “Algumas startups receberam investimentos externos e desistiram, outras não encontraram uma aceleradora especializada para o seu modelo de negócio ou não chegaram a um acordo sobre a participação acionária”, justifica o diretor de políticas de tecnologias da informação e comunicação do MCTI, Rafael Moreira.

A saída foi aumentar o número de aceleradoras de nove para 12. Essas organizações atuam como parceiras do MCTI no programa: recebem a startup para ajudar no desenvolvimento do projeto, mas não recebem verba pública. Elas investem em troca de uma participação na empresa, que varia de 5% a 40%. Falta de consenso em torno desse percentual fez com que alguns empreendedores abandonassem o programa.

A divergência mostra, em parte, uma peculiaridade do mercado brasileiro. No Brasil, as aceleradoras ficam, em média, com 10% a 15% das empresas, por um período de ajuda que vai de quatro a seis meses. Nos Estados Unidos, a participação média é de 6% por três a quatro meses de gestação. “Os americanos são mais bem preparados e têm maior capacidade de execução. Isso reduz o risco e torna o processo mais rápido. Aqui, muitas vezes, o empreende-

dor não tem nem CNPJ e precisa aprender coisas básicas da burocracia brasileira”, analisa o diretor-executivo da Associação Brasileira de Startups (ABStartups), Guilherme Junqueira.

A situação brasileira reflete aquela que é a origem de muitos problemas brasileiros: a educação. “Em países desenvolvidos, por exemplo, os jovens têm contato com educação financeira desde cedo. As universidades brasileiras também não fomentam o empreendedorismo. Se houvesse essa cultura, as startups teriam uma melhor taxa de sucesso”, diz. Segundo ele, não existe uma estatística precisa sobre o tema no País, mas o índice é menor do que nos Estados Unidos, onde apenas um projeto em cada dez se transforma em uma empresa de fato – o que torna o mercado brasileiro bastante incerto para os empreendedores.

Para o sócio-fundador da aceleradora carioca 21212, Frederico Lacerda – que participa desde o início do programa federal –, os empreendedores brasileiros não podem comparar o cenário dos dois países, que possuem ecossistemas de negócio totalmente diferentes. “Nos Estados Unidos, existem mais investidores e o trabalho das aceleradoras é menor. Precisamos criar modelos financeiros que façam sentido. Mas é do interesse de todos que as empresas tenham sucesso, pois o objetivo das aceleradoras é vender suas cotas acionárias”, explica. A 21212 fica com algo entre 5% e 20% do desenvolvimento da empresa, e está auxiliando oito startups do programa, das quais três são da primeira turma e já terminaram o processo. Apesar disso, elas permanecem monitoradas para aumentar as chances de sucesso.

O próprio modelo de aceleradoras é novo em todo o mundo e ainda procura se estabelecer. Segundo a professora do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e pesquisadora



Foto: divulgação

“A ACELERAÇÃO AGILIZA O DESENVOLVIMENTO DA STARTUP E, POR CAUSA DA AJUDA, JÁ ESTAMOS REVENDO ALGUNS PONTOS DO MODELO DE NEGÓCIOS”

GUSTAVO GORENSTEIN,
FUNDADOR DA POUP

do tema, Yael Hochberg, a mais antiga organização do tipo nos EUA foi instaurada em 2005, por isso, os resultados produzidos por ela ainda são incertos. “As aceleradoras aumentam significativamente o dinheiro de *venture capital* para a região onde estão estabelecidas, ajudando a economia local e os empreendedores. Mas é difícil dizer se elas são eficazes apenas em selecionar as melhores empresas ou realmente agregar valor. Só saberemos com o tempo”, afirma. Um indício foi dado por estudo feito pela professora a pedido da firma de *venture capital* DFJ Mercury, envolvendo 29 aceleradoras norte-americanas: 45% delas não foram capazes de produzir uma empresa que conseguisse captar recursos.

De qualquer maneira, muitos empreendedores buscam a ajuda das aceleradoras, como o fundador da Poup e participante da primeira turma do Start-Up Brasil, Gustavo Gorenstein. Ele voltou da Inglaterra em 2012, após completar o mestrado em Tecnologia e Empreendedorismo, com vontade de abrir a própria startup. Para isso, adaptou um modelo de negócios já existente nos EUA e na Europa, baseado na oferta de cupons de desconto e na devolução ao cliente de uma porcentagem do valor pago nas compras online.

Gorenstein soube da existência do programa Start-Up Brasil em 2013 e resolveu se inscrever. “Para me registrar só precisei descrever o projeto usando o Canvas (modelo simplificado de plano de negócios), que já é familiar ao mundo das startups de tecnologia. “Tinha escutado que os editais do governo eram burocráticos e me surpreendi pela facilidade”, comenta. A Poup foi selecionada pelo programa e escolheu e foi escolhida pela aceleradora Wayra, de São Paulo. “Isso foi outro fator positivo, pois pudemos analisar com quem tínhamos mais compatibilidade em função

“AS ACELERADORAS AUMENTAM SIGNIFICATIVAMENTE O DINHEIRO DE *VENTURE CAPITAL* PARA A REGIÃO ONDE ESTÃO ESTABELECIDAS, AJUDANDO A ECONOMIA LOCAL E OS EMPREENDEDORES. MAS É DIFÍCIL DIZER SE ELAS SÃO EFICAZES APENAS EM SELECIONAR AS MELHORES EMPRESAS OU REALMENTE AGREGAR VALOR”

Yael Hochberg, professora do Massachusetts Institute of Technology (MIT)



Foto: divulgação

da área de atuação”, explica. A aceleradora investiu R\$ 100 mil na empresa e está oferecendo todo o suporte para desenvolvimento do negócio em troca de 5% a 10% de participação – o percentual será definido dependendo do crescimento da empresa. “A aceleração agiliza o desenvolvimento da startup e, por causa da ajuda, já estamos revendo alguns pontos no nosso modelo de negócios”, diz.

Além do investimento das aceleradoras, as startups admitidas no programa recebem do governo, por meio de bolsas do CNPq, até R\$ 200 mil. A liberação desses recursos, no entanto, esbarra na burocracia. Criado para atender pesquisadores, o benefício não possui o senso de urgência característico das startups. “O CNPq é cheio de regras e burocracias, o que torna o processo difícil”, diz Gorenstein. Ele reconhece, no entanto, que o processo impede o uso dos recursos de forma indevida.

A empresa Tem-Erro, que oferece um serviço para conferência de contas telefônicas e entrou na segunda turma do programa pela Aceleratech, de São Paulo, enfrentou atrasos de dois meses no recebimento do benefício por questões burocráticas. “Isso atrapalhou, pois já contávamos com a ajuda de custo. Se fosse mais simples e rápido seria bem melhor”, afirma a diretora de marketing da empresa, Lin Yei.

Como a reclamação sobre o recebimento das bolsas era comum, Moreira, do MCTI, informa que foram criados manuais específicos para essa etapa do processo e aceleradoras estão sendo capacitadas para dar suporte aos empreendedores.

Com o quadro maior de aceleradoras, caiu o número de startups por aceleradora, que, em alguns casos, não tinham infraestrutura nem capital para dar suporte a todos os projetos designados a elas. A meta, agora, é ter em média oito startups por aceleradora a cada ano – e não mais as nove da primeira edição do programa.

COMO A RECLAMAÇÃO SOBRE O RECEBIMENTO DAS BOLSAS ERA COMUM, O MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA CRIOU MANUAIS ESPECÍFICOS PARA ESSA ETAPA DO PROCESSO E AS ACELERADORAS ESTÃO SENDO CAPACITADAS PARA DAR SUPORTE AOS EMPREENDEDORES



Foto: Emiliano Hagge

“AS UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS NÃO FOMENTAM
O EMPREENDEDORISMO. SE
HOUVESSE ESSA CULTURA,
AS STARTUPS TERIAM UMA
MELHOR TAXA DE SUCESSO”

GUILHERME JUNQUEIRA,
DA ABSTARTUPS

Outras justificativas para o aumento são a inclusão de aceleradoras especializadas em hardware e a abrangência de mais Estados brasileiros na iniciativa (passando de quatro para sete, com a inclusão de Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco). Também foi criada uma reserva com quatro aceleradoras, sendo que três delas participaram do programa no ano passado. Segundo o CEO da Outsource Brazil – aceleradora do Rio de Janeiro que participou em 2013 do programa, mas que, neste ano, está na reserva –, Robert Janssen, a decisão tem a ver com foco. “Permanecemos no programa, pois o ciclo da primeira edição ainda não foi concluído. Escolhemos ficar na reserva para que pudéssemos focar na aceleração das nossas 18 startups, sendo que 13 delas são do programa. Precisamos garantir que esses primeiros tenham sucesso”, explica.

Outra novidade para 2014 é o que o MCTI trabalha em parceria com grandes empresas para que elas consumam os serviços das startups participantes do programa. As correções de rota indicam preocupação quanto ao futuro do programa, sobre o qual há consenso quanto a muitos aspectos positivos. “Seria muito ruim que o programa federal acabasse por algum motivo. Ele sempre vai precisar de ajustes, mas está nos trilhos e foi um divisor no ecossistema de startups brasileiro, principalmente por ter o governo investindo em um setor que viu como promessa”, afirma o diretor-executivo da ABStartups. “Acredito que os resultados vão aparecer, pois o governo está trabalhando para melhorar o programa. Mas nunca se pode descartar variáveis como os desenvolvimentos político e econômico e a oferta de investidores”, diz o sócio-fundador da aceleradora 21212. A esperança agora é que as empresas participantes do Start-Up Brasil cresçam e provejam que a iniciativa federal está no caminho certo e gerando benefícios para o Brasil. [8]